36ª Bienal de São Paulo
Nem todo viandante anda estradas –
Da humanidade como prática

Guia de visitação em Linguagem Simples

Itinerância

Museu de Arte de Belém

Belém

bienal são paulo

Apresentação

Este material foi elaborado para que você possa conhecer um pouco mais sobre a 36ª Bienal de São Paulo.

A Bienal recebe muitos visitantes com diferentes características, faixas etárias, culturas, modos de viver e se expressar.

A diversidade dos públicos é muito importante para que a Bienal seja de todas as pessoas.

Neste guia apresentamos informações que são importantes para que você possa planejar a sua visita, conhecer os serviços e as medidas de acessibilidade disponíveis.

O título da 36ª Bienal é *Nem todo viandante anda estradas – Da humanidade como prática*.

Este é o cartaz da 36ª Bienal.

É importante lembrar que as equipes da 36ª Bienal e da Museu de Arte de Belém estão disponíveis para acolher públicos diversos, fazer a mediação da visita, apoiar os visitantes e prestar informações.

A 36ª Bienal foi preparada com muito carinho e queremos que ela seja para todas as pessoas.

Boa visita!

Sumário

Planejando a visita 7

Sobre o título da 36ª Bienal de São Paulo 14

Sobre a equipe conceitual da 36ª Bienal 16

Sobre a curadoria da itinerância 36ª Bienal no Museu de Arte de Belém 19

Sobre a proposta curatorial 22

Sobre o projeto curatorial 28

Identidade visual 33

Arquitetura 35

Sobre as obras e os artistas 38

Forensic Architecture / Forensis 39

Mao Ishikawa 44

Sinalização 51

Acessibilidade 54

Planejando a visita

Período da exposição

A itinerância da 36ª Bienal no Museu de Arte de Belém acontece de 25 de setembro a 29 de novembro de 2026.

Local

A itinerância da 36ª Bienal acontece no Museu de Arte de Belém, no Palácio Antonio Lemos, na Praça Dom Pedro II, S/N, na Cidade Velha, em Belém, Pará.

Dias e horários de visitação

A exposição está aberta à visitação de terça a sexta, das 9h às 16h30, e aos fins de semana, das 9h às 13h. A entrada é gratuita.

Classificação

A exposição tem classificação livre para todos os públicos.

Sobre a Fundação Bienal de São Paulo

A Fundação é uma instituição privada sem fins lucrativos.

Ela é responsável por organizar a Bienal de São Paulo.

A Bienal é uma exposição de arte que acontece a cada dois anos.

A Fundação Bienal desenvolve vários projetos.

A Bienal conta com uma equipe permanente que trabalha para garantir a qualidade dos projetos em todas as suas etapas.

A Fundação Bienal também é responsável por representar o Brasil na Bienal de Arte e de Arquitetura de Veneza.

A Fundação também organiza exposições com obras da Bienal em outras cidades do Brasil e em outros países.

A Fundação tem um arquivo histórico sobre arte moderna e contemporânea, que é referência na América Latina.

Os arquivos guardam e organizam livros, coleções, fotografias, artigos de jornais, vídeos, ou qualquer outro documento.

O nome do arquivo é Arquivo Histórico Wanda Svevo.

O que é a Bienal de São Paulo?

A Bienal é uma exposição de arte que acontece a cada dois anos na cidade de São Paulo.

A primeira Bienal aconteceu em 1951.

A Bienal existe há mais de 70 anos.

Em 2025, aconteceu a 36ª Bienal de São Paulo.

A Bienal de São Paulo é uma das maiores exposições de arte do mundo.

A 36ª Bienal recebeu mais de 780 mil visitantes em São Paulo.

A Bienal é uma exposição de arte contemporânea.

A arte contemporânea é a arte do nosso tempo, quer dizer, a arte realizada nos últimos 60 anos.

Os objetivos da Bienal são:

– Incentivar a criação artística;

– Promover o debate entre a sociedade;

– Democratizar o acesso à cultura.

Os projetos educativos são muito importantes para a Bienal.

A equipe de educação da Bienal desenvolve:

– Visitas mediadas às exposições;

– Formações de professores;

– Publicações para educadores;

– Cursos presenciais
e a distância;

– Palestras e seminários.

A Bienal também fomenta a criação
artística e a democratização
do acesso à arte.

Sobre o título da 36ª Bienal de São Paulo

O título da 36ª Bienal é *Nem todo viandante anda estradas – Da humanidade como prática*.

O título é inspirado no poema “Da calma e do silêncio”, da escritora Conceição Evaristo.

Ela é uma escritora preta, que nasceu em Belo Horizonte.

O título da Bienal quer fazer uma provocação.

Viandante é uma palavra pouco usada que significa que a pessoa viaja.

Viandante pode ser também uma pessoa que está em trânsito, em movimento e transformação.

O título da 36ª Bienal convida os artistas e os visitantes a pensarem em sua vida como um movimento de transformação.

A Bienal aposta que é possível construir um mundo onde todas as pessoas tenham direitos.

Sobre a equipe conceitual da 36ª Bienal

A equipe conceitual da 36ª Bienal de São Paulo é formada por um grupo de profissionais.

O curador geral da 36ª Bienal é Bonaventure Soh Bejeng Ndikung.

O curador geral convidou outros profissionais para comporem a equipe.

A equipe tem experiências diversas em arte contemporânea.

A equipe é composta por:

Cocuradores:

– Alya Sebti

– Anna Roberta Goetz

– Thiago de Paula Souza

Cocuradora at large:

– Keyna Eleison

Consultora de comunicação e estratégia:

– Henriette Gallus

Cocuradores adjuntos:

– André Pitol

– Leonardo Matsuhei

A fotografia abaixo mostra a equipe conceitual no prédio da Bienal.

Sobre a curadoria da itinerância 36ª Bienal no Museu de Arte de Belém

A equipe conceitual da Bienal se dividiu para cuidar das itinerâncias.

Para a itinerância em Belém, a cocuradora Anna Roberta Goetz e o cocurador adjunto Leonardo Matsuhei escolheram as obras que estão na exposição.

Anna Roberta Goetz é uma das cocuradoras da 36ª Bienal de São Paulo.

Ela nasceu em 1984, em Basileia, na Suíça.

Vive entre a Suíça e o México.

É curadora e escritora.

Organizou exposições individuais e coletivas de destaque em diversos países.

Foi professora em várias academias internacionais de arte.

Leonardo Matsuhei é formado em artes visuais pela Universidade Estadual Paulista (Unesp).

Desde 2009, trabalha com educação, programação pública e curadoria em projetos de arte e cultura.

Coordenou atividades educativas nas exposições *Gilberto Mendes 100* e *Ars sonora – Hermeto Pascoal*, realizadas pelo Sesc São Paulo entre 2022 e 2024.

Também trabalhou no MASP entre 2016 e 2019, apoiando atividades de mediação e programas públicos.

Em 2013 e 2014, colaborou no projeto Encontros Abertos da 31ª Bienal de São Paulo.

Desde 2021, participa do coletivo e espaço cultural independente Bananal.

Sobre a proposta curatorial

A proposta da Bienal é repensar a humanidade como uma prática viva.

O mundo pode ser um lugar muito injusto e, por isso, exigir que as pessoas reimaginem as relações.

É importante lutar contra as desigualdades.

Outro aspecto importante é escutar e se preocupar com a convivência.

A curadoria escolheu alguns aspectos para pensar na Bienal e escolher os artistas:

Pensar na sociedade como se fosse um estuário.

O estuário é um lugar onde
os rios, lagos e córregos
encontram o mar, misturando
a água doce e a água salgada.

Os estuários são muito ricos e diversos
porque a vegetação é muito variada e as
águas carregam muitos ingredientes.

No Brasil, existem muitos estuários.

Os estuários também são muito
ameaçados porque ficam perto de
cidades, e a poluição prejudica o meio
ambiente.

Agora que já sabemos o que é um
estuário, queremos fazer um convite
para vocês.

Imaginem que a 36ª Bienal é
como um estuário.

Os artistas vêm de diferentes lugares e têm experiências diversas.

Na Bienal, toda essa diversidade se encontra para convidar o público a pensar em um mundo onde todas as pessoas tenham lugar.

A Bienal quer ser como um estuário.

A Bienal quer ser um lugar que acolhe e nutre diferentes formas de vida.

Os curadores esperam que a Bienal seja um ambiente vivo que abriga o vínculo entre as comunidades, a arte, a educação e a cultura.

Inspirado nas filosofias, paisagens e mitologias brasileiras.

A Bienal quer refletir a multiplicidade de encontros que marcaram a história do Brasil.

A exposição propõe que a humanidade se una.

A Bienal deseja que a humanidade se transforme por meio de uma escuta atenta e do respeito entre seres e mundos distintos.

O curador Bonaventure diz que atualmente parece que os seres humanos perderam o contato com o que significa ser humano.

Às vezes, parece que as pessoas estão perdendo o chão.

Vivemos em um período de muitas crises.

São crises sociais, políticas,
econômicas e ambientais
em todo o mundo.

Bonaventure acha que é urgente
convidar artistas, pesquisadores,
ativistas e outros profissionais da cultura
para se juntarem à Bienal.

A proposta é pensar em como reformular
o que significa a humanidade.

Por causa de todas essas crises e
urgências, é importante imaginar outro
mundo por meio de diferentes práticas.

O tema da Bienal é um convite para
pensar e manifestar a humanidade como
um verbo e uma prática.

Pensar sobre a humanidade e sobre
modos de viver variados.

A Bienal nos convida a colocar a alegria, a beleza e a poesia no centro das nossas vidas.

Este é um convite para imaginar um mundo no qual valorizamos as pessoas em um momento em que a sociedade está falhando conosco.

Sobre o projeto curatorial

A 36ª Bienal de São Paulo está organizada em três eixos.

Cada eixo apresenta um conceito que orienta a exposição.

O primeiro eixo defende que todas as pessoas precisam ter tempo e espaço.

Este eixo defende que é importante desacelerar e prestar atenção aos detalhes.

Quando prestamos atenção, percebemos outros seres que fazem parte do nosso ambiente.

Este eixo está inspirado em
um poema de Conceição Evaristo.

Conceição Evaristo é uma escritora
negra e brasileira muito importante.

O poema fala sobre a importância de
explorar os mundos escondidos que
somente a poesia pode acessar.

A Bienal também quer acolher as
diferenças.

A exposição convida todas as pessoas a
se reconectarem com a natureza.

No segundo eixo, a Bienal convida o
público a se ver no reflexo do outro.

A proposta é questionar o que vemos
quando olhamos para nós mesmos e
para os outros.

Quais são as barreiras que existem na sociedade?

Este eixo se inspira em um poema do poeta haitiano René Depestre.

O poema diz que precisamos estar atentos às necessidades de todos.

O terceiro eixo se dedica aos espaços de encontros.

O eixo entende que os lugares possibilitam múltiplas interações.

A exposição aborda as desigualdades que existem no mundo.

Esse eixo é baseado no movimento manguebeat, criado no Recife.

O manguebeat foi um movimento cultural idealizado por vários artistas pernambucanos no início da década de 1990.

O movimento denunciava as desigualdades e a pobreza em Pernambuco.

O símbolo do manguebeat é o caranguejo, que vive no mangue e na lama.

Os autores do movimento escreveram um texto chamado “Caranguejos com cérebro”.

O texto valoriza a cultura das comunidades e da população pobre que vive perto dos mangues.

A Bienal conta sobre a história do Brasil.

O Brasil foi formado pelos povos indígenas, europeus e africanos escravizados.

O Brasil ainda é um país muito desigual.

A exposição conta como as culturas e as sociedades lidam com as diferenças e desigualdades.

A Bienal quer ajudar a sociedade a criar caminhos de interação e beleza.

Identidade visual

O estúdio Yukiko, que fica em Berlim, na Alemanha, é responsável pela criação da identidade visual da 36ª Bienal.

O estúdio foi fundado por Michelle Phillips e Johannes Conrad.

O estúdio é reconhecido por seu estilo experimental.

A identidade visual que eles criaram dialoga com o conceito curatorial desta Bienal.

A identidade da 36ª Bienal cria uma experiência visual e gráfica que reforça a importância da escuta.

Ela valoriza também os encontros, a partir da ideia do estuário.

Enfatiza as conexões, a empatia e a interação criativa.

A identidade visual se inspira nas ondas sonoras e na harmonia.

Essas ondas sonoras representam a ideia de que a humanidade está sempre evoluindo e se remodelando por meio de encontros.

Tanto as ondas sonoras como o estuário querem mostrar que vários mundos se encontram e se misturam.

A mensagem central é que, por meio da escuta e da reflexão, podemos imaginar a humanidade como uma prática viva e pulsante.

Arquitetura

O projeto arquitetônico e expositivo da 36ª Bienal é de Gisele de Paula e Tiago Guimarães.

Na itinerância de Belém, a arquiteta Gisele de Paula se encarregou de criar o desenho do espaço expositivo.

Em cada Bienal é criado um projeto do espaço para a exposição.

Os arquitetos fazem um projeto definindo as cores que vão ser usadas e como as obras de arte vão estar expostas no prédio.

Os arquitetos fazem o projeto alinhados com a proposta curatorial.

O projeto arquitetônico da 36ª Bienal está inspirado na fluidez dos rios e dos estuários.

O espaço da exposição foi desenhado como um percurso sensorial.

O espaço convida o visitante a fazer caminhos em curvas.

O percurso convida o visitante à escuta e à pausa.

Foram colocadas várias cortinas coloridas, que lembram as margens sinuosas dos rios.

Este espaço permite que os visitantes percorram a exposição recordando a força das paisagens que estão sempre em movimento.

O título da Bienal é *Nem todo viandante anda estradas – Da humanidade como prática.*

Como viandantes, as pessoas não repetem o caminho, mas reinventam a travessia em busca de transformação.

Cada visitante pode fazer o seu caminho na Bienal.

O projeto quer ser como um corpo em movimento, que atravessa, contorna e reinventa o espaço.

A exposição propõe um diálogo com a ideia de travessia.

A exposição está organizada para propor aos visitantes que pensem nas formas como nos movimentamos durante a vida.

Sobre as obras e os artistas

A itinerância da 36ª Bienal em Belém conta com a participação de 10 artistas e coletivo

Os artistas vivem em diferentes países do mundo.

Na Bienal você vai encontrar:

- **Pinturas**
- **Instalações**
- **Esculturas**
- **Vídeos**

O som é alto em muitas obras da exposição.

Vamos saber mais sobre alguns artistas da mostra.

Forensic Architecture / Forensis

Forensic Architecture é um grupo de pesquisa criado em 2010, em Londres.

O grupo é formado por pessoas de diferentes áreas, como arquitetura, arte, cinema, jornalismo, ciência, programação e direito.

Juntas, elas investigam casos de violência cometida por governos e empresas e situações de violação de direitos humanos.

O grupo usa mapas, imagens, vídeos, modelos digitais e outras tecnologias para investigar acontecimentos e produzir evidências.

Essas pesquisas podem contribuir para processos na Justiça e para debates públicos.

Em 2021, foi criada a Forensis, uma agência ligada ao Forensic Architecture e localizada em Berlim.

Na itinerância da 36ª Bienal de São Paulo, Forensic Architecture / Forensis apresenta *Delta-Delta: People's Court I* [O Tribunal do Povo I] (2025).

A obra investiga a relação entre a exploração de recursos naturais, a violência e as mudanças no meio ambiente.

A pesquisa começa com um acontecimento ocorrido em 1897.

Naquele ano, tropas britânicas invadiram o Reino de Benin, na região que hoje faz parte da Nigéria.

Os britânicos saquearam seus recursos e objetos culturais e destruíram parte de seu território.

A obra relaciona essa história de exploração com formas atuais de extração de recursos naturais, especialmente a exploração de petróleo.

People's Court I é a primeira parte de um projeto maior chamado *Delta-Delta*.

O projeto investiga uma área chamada Cinturão Verde Transatlântico.

Esse é um nome criado pelos artistas para falar de uma antiga floresta que existia quando os continentes ainda estavam unidos.

Com o passar de milhões de anos,
os continentes se separaram,
deixando partes dessa antiga floresta
em diferentes regiões do mundo.

Alguns desses lugares estão no delta
do Níger, na Nigéria, e no delta do
Mississippi, nos Estados Unidos.

No primeiro caso, há florestas
consideradas sagradas por comunidades
locais. No segundo, há cemitérios
arborizados ligados a pessoas
escravizadas e seus descendentes.

Na obra, pessoas dessas regiões
compartilham histórias por meio de
depoimentos ao vivo e gravados.
Elas falam sobre perdas, violência,
mudanças no ambiente e formas
de resistência que atravessam
diferentes gerações.

Esses relatos aparecem junto a reconstruções digitais de ambientes naturais.

A obra também propõe outra forma de pensar sobre o testemunho.

Em tribunais tradicionais, existem regras que determinam quem pode testemunhar e como um testemunho deve ser apresentado.

People's Court I cria um espaço para que diferentes pessoas possam compartilhar suas experiências e conhecimentos.

O testemunho não serve apenas para apresentar provas sobre o passado. Ele também pode ajudar a imaginar outras formas de futuro.

Mao Ishikawa

Mao Ishikawa nasceu em Ōgimi e vive em Tomigusuku, no Japão.

É fotógrafa e ativista.

É conhecida por documentar a vida em Okinawa e por criticar a presença militar dos Estados Unidos na região.

A ilha de Okinawa esteve ocupada pelas forças militares estadunidenses durante 25 anos.

As fotografias de Mao Ishikawa mostram mulheres que trabalham em bares, artistas, soldados e pessoas de comunidades marginalizadas.

Seu olhar é próximo e direto, revelando as realidades sociais dessas pessoas.

A artista se distingue pela maneira como se aproxima daqueles que fotografa.

Ela vive ou trabalha perto deles para compreender como vivem e como são seus ambientes.

Desse modo, suas imagens revelam a essência de suas vidas e experiências.

Mao Ishikawa não fotografa para acusar nem para apresentar de maneira exótica os problemas relacionados às forças militares.

Seu trabalho retrata relações de afeto e solidariedade entre pessoas que convivem em um mesmo lugar.

Em suas fotografias aparecem soldados de baixa patente, em sua maioria afro-americanos e distantes de seu país de origem, ao lado de mulheres de Okinawa que desempenham trabalhos pouco valorizados.

Essas pessoas vivem em um território que historicamente recebeu menos atenção do governo japonês.

A artista também realizou fotografias fora de Okinawa.

Durante uma viagem à Filadélfia, nos Estados Unidos, conviveu por aproximadamente dois meses com Myron Carr, seu amigo e ex-soldado. Com um olhar muito sensível, mostra de onde vêm os homens com quem convivia em Okinawa.

Longe do ambiente militar, suas fotografias registram encontros entre amigos e familiares, crianças brincando, conversas no sofá e caminhadas pelas ruas da cidade.

Na itinerância da 36ª Bienal, são exibidas fotografias de Mao Ishikawa, todas em preto e branco.

Uma delas se intitula Sem título, da série Vida na Filadélfia.

A fotografia mede 38 centímetros de altura por 48 centímetros de largura.

A imagem mostra quatro crianças afro-americanas posando sobre e ao lado de duas motocicletas estacionadas lateralmente.

Em primeiro plano, à esquerda, uma menina sorri para a câmera.

Seus olhos são escuros e brilhantes, e ela usa o cabelo preso em uma trança que atravessa o alto da cabeça.

Está com o corpo inclinado para a frente e o braço direito levantado, com o cotovelo dobrado e o pulso próximo à boca.

Veste shorts e uma blusa curta com estampa clara.

Um pouco mais atrás aparece outra menina, um pouco mais velha.

Ela está de perfil e levanta um braço com o cotovelo dobrado.

Também tem olhos e cabelos escuros.

Sorri amplamente, mostrando seus dentes grandes e brancos.

Veste shorts e uma blusa curta.

Atrás dela, um menino está sentado no banco de uma motocicleta, mas olha para a câmera.

Estende o braço esquerdo e mostra a palma da mão.

A mão direita permanece fechada sobre o peito.

Tem cabelos escuros e muito curtos.

Sorri e veste shorts e uma camiseta listrada.

No canto superior direito da fotografia aparece outro menino, sentado sobre a segunda motocicleta.

Tem uma perna apoiada sobre o tanque da moto e a outra para baixo.

Apoia a mão esquerda atrás do corpo, com o braço estendido, e inclina o torso para trás.

Com uma expressão mais séria, também olha para a câmera.

Em uma entrevista, Mao Ishikawa afirmou:

“Pode ser que pensem que sou uma pessoa ousada, mas também sou muito sensível. Amo os seres humanos. Essa é minha principal motivação e é o que me dá coragem para me aproximar deles.”

Sinalização

Na entrada da exposição, você encontra:

- Recursos de acessibilidade
- Apresentação da Fundação Bienal de São Paulo
- Apresentação do Museu de Arte de Belém
- Texto da equipe conceitual da 36ª Bienal sobre a mostra
- Créditos
- Bloco de marcas

Existem placas próximas às obras.

As placas contêm, na parte superior, o nome do artista, um símbolo com um B e uma lupa e um número ao lado. Este número serve para você procurar o artista no aplicativo Bloomberg Connects.

No aplicativo, você pode ler mais sobre o artista.

Abaixo do nome do artista está o título da obra, na língua original, e entre parênteses traduzido para português. Ao final da frase está o ano em que a obra foi criada.

Mais embaixo, existe a técnica e material que foram usados na obra.

A placa ainda pode falar mais informações como de que coleção ela vem, se foi feita especialmente para a Bienal, e quem apoiou a criação dela.

Por fim, se a obra possui um audioguia inclusivo, em português e Libras, a placa tem um QR code com fundo verde na parte inferior.

Você pode usar seu celular para ler o QR code e ouvir o audioguia.

Algumas obras estão agrupadas juntas, então você pode usar o QR code em branco para ver o nome de todas elas. Esse QR code tem o fundo preto.

Textos sobre os artistas e seus trabalhos podem ser encontrados dentro da exposição na parede.

Acessibilidade

A Bienal tem uma Política de Acessibilidade e Inclusão.

A Bienal adota várias medidas de acessibilidade para promover a equiparação de oportunidades e a participação das pessoas com deficiência.

Mapa tátil

Na exposição tem um mapa tátil com informações de localização das obras.

Site e redes sociais

O site e as redes sociais são acessíveis.

Todas as imagens utilizadas no site da 36ª Bienal, no Portal Bienal e no Instagram possuem texto alternativo com descrição de imagem para leitores de tela.

Os vídeos ainda não possuem esse recurso.

Audioguia inclusivo

Foi produzido um audioguia inclusivo com um percurso com 2 obras ao longo da exposição.

Na itinerância da 36ª Bienal no Museu de Arte de Belém, existem audioguias de Hamedine Kane e Wolfgang Tillmans.

O conteúdo conta com narração, legenda, audiodescrição e tradução e interpretação em Libras.

Você pode acessar os audioguias por meio de QR codes perto das obras.

O audioguia também está disponível no site da Bienal.

Convidamos você a acessar o audioguia e conhecer um pouco mais sobre o trabalho dos artistas.

Conteúdos em Linguagem Simples

A Fundação Bienal desenvolveu um material em Linguagem Simples que está disponível no site e neste guia.

O material apresenta a história da Bienal, os curadores, o projeto curatorial, a identidade visual e o projeto arquitetônico e expográfico da 36ª Bienal.

Está disponível também um material em Linguagem Simples sobre artistas e obras.

Há uma versão impressa para consulta, também disponível em Braille.

Estes materiais apoiam os visitantes com diferentes deficiências, baixo letramento, estrangeiros e o público em geral para aproveitarem e conhecerem mais sobre a Bienal.

Publicações educativas

A equipe da Fundação Bienal produziu 4 publicações sobre a 36ª Bienal de São Paulo – *Nem todo viandante anda estradas – Da humanidade como prática*.

Estas publicações estão disponíveis no site da Bienal.

Acesse:
https://36.bienal.org.br/publicacoes/
ou leia o QR Code abaixo

Também foram produzidos conteúdos em múltiplos formatos acessíveis, com textos das 4 publicações.

Os audiovisuais possuem narração, tradução e interpretação em Libras, legenda e audiodescrição.

Acesse o conteúdo acessível em:
https://36.bienal.org.br/educacao/#conteudos
ou leia o QR Code abaixo

Braille e fonte ampliada

A Bienal disponibiliza materiais em Braille e fonte ampliada para que você possa acessar conteúdos referentes à mostra.

Guia digital

Para facilitar a visitação da mostra está disponível gratuitamente um guia digital online.

O guia digital conta com leitor de tela e tradutor de muitos idiomas.

Não é preciso baixar o aplicativo.

Para acessar o guia digital acesse
https://guides.bloombergconnects.org/pt-BR/guide/theSaoPauloBienal
ou leia o QR Code abaixo

As placas dos artistas contêm, na parte superior, um símbolo com um B e uma lupa e um número ao lado. Este número serve para você procurar o artista no aplicativo Bloomberg Connects.

No aplicativo, você pode ler mais sobre o artista.

Expediente

Este material foi produzido pelas equipes da Mais Diferenças e da Fundação Bienal de São Paulo, contando com a participação de pessoas com deficiência.

Créditos das fotos

Página 3:
© Studio Yukiko / Fundação Bienal de São Paulo

Página 16:
© João Medeiros / Fundação Bienal de São Paulo